

JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores

ANO XVI nº 125, julho/agosto — 2024



PARIS, A ESCOLHIDA

João Almino

São 18 cidades. Mas, a escolher uma, seria Paris.

Foi onde conheci Bia Wouk. Tudo começou em 1979, num encontro no café Le Select, em Montparnasse. Bia veio a ser minha Maga e me mostrava a ponta da Ile Saint Louis que Cortázar descreve em "Las Babas del Diablo".

Foi também no Select que comecei a escrever meu romance *Ideias para onde passar o fim do mundo*. Numa história que se passa em Brasília, há caminhadas por ruas de Paris.

Igualmente num café em Montparnasse, um amigo devolveu o vinho por não ser do ano certo. Grande conhecedor? Não. Apenas seu olfato e paladar haviam memorizado cada safra do vinho de seu vilarejo. Das muitas sofisticações francesas, que podiam ademais ser evidenciadas por uma longa discussão sobre o menu de um piquenique.

Frente ao Select, no restaurante La Coupole, conversávamos com um *habitué*, o ator Jean Pierre Léaud, sobre o Cinema Novo brasileiro.

Paris, cidade do cinema e das caminhadas a pé. Caminhávamos à Rue de la Harpe, no Quartier Latin, para assistir aos filmes; ao Pied de Cochon, no Halles, ou, virando a noite, ao café Le Singe Pelérian, ali perto, quando outros chegavam para o café da manhã.

Escrevendo o romance *Tanto faz*, o amigo Reinaldo Moraes descrevia o ambiente vivido por muitos naqueles tempos.

Num mês de abril, nossa hóspede

Ana Cristina César comentava Rimbaud e o conto "Bliss", de Katherine Mansfield. Escreveu poema em torno do trabalho da Bia e usou imagem de um de seus desenhos para a capa do livro *Luvas de Pelica*.

Cidade dos filósofos. Era uma época em que tinham grande influência cultural e política. Sobre eles debatíamos nos cafés. E íamos à Livraria La Une, em Saint Germain, folhear as novidades.

Frequentávamos aulas esparsas de Barthes, Bourdieu ou François Chatelet. Este, como conto mais adiante, salvou-me de um assalto, em cena mais próxima da ficção do que da filosofia.

Chegava-se cedo ao Collège de France para ouvir Michel Foucault, sua mesa repleta de gravadores diante de exposições que viriam a integrar seus livros sobre a história da sexualidade.

O seminário de Claude Lefort ficava nas dependências da Rue de Tournon da École des Hautes Études en Sciences Sociales. Ali ele me apresentou a Edgar Morin e a François Furet, que escrevia *Penser la Revolution Française*, coincidindo com Lefort na crítica ao totalitarismo.

Paris, cidade do exílio latino-americano e do Leste Europeu.

O seminário era frequentado por cerca de 20 pessoas, entre as quais os jovens e já reconhecidos intelectuais Marcel Gauchet e Pierre Rosanvallon. Para eles, como para Lefort, a esfera política tinha relativa autonomia. Não era apenas superestrutura. Sob a direção de Lefort, eu preparava tese sobre a ideologia autoritária nos discursos democráticos.

Volto a Châtelet, e não a sua história da filosofia. Era o tempo em que se davam caronas nas estradas sem medo. Tomando a *Autoroute* du Sud, o meu carona mandou: "Rápido! Estou sendo seguido." Tivera que exibir seu revólver, me disse, para não pagar a conta num bar. Adiante me avisou que roubaria um carro para seguir viagem para a Espanha. Quando eu já me preparava para entregar minha Renault 5, descobrimos que frequentávamos o curso de Châtelet em Vincennes, o que criou convivência, embora eu não tivesse ouvido uma palavra sobre filosofia. O nome mágico de um filósofo tinha poder na cidade dos filósofos.

Era setembro de 1980 quando Bia e eu nos casamos antes da partida para Beirute. Um dia ainda escrevo sobre a emocionante vida de meu carrinho vermelho. Por enquanto, fica o registro de que, salva pelo nome de Châtelet, a Renault 5 chegaria lá sem rodas e mais tarde não escaparia dos fragmentos de um obus.

(Parte da série 18 cidades, sobre as vivências do Autor)

BRANCA
ADORMECIDA E AS
SETE CINDERELAS
Antonio Carlos Secchin

AFAGOS DO CORAÇÃO

Gildo Faustino

Os afagos do coração estão nos abraços dos que se entrelaçam em corpos, recebendo e retribuindo-se em emoções e em apertos de seus aconchegos, próprios do viver um momento para si e para o outro, aquele que se abraça, em plena troca dos seus calores, odores e sensações do viver o momento, vindo do entrelaçamento de braços que apertam o corpo do outro, quem se afaga.

Os afagos do coração ficam na alma dos que se juntam no momento ímpar, recebendo e retribuindo-se nos sentimentos dos encontros de seus apertos, próprios do sentir mútuos atos do aconchego recíproco, aquele que retribui, em plena união de suas emoções, palpitações e tremores no viver o instante, vindos do enlace de apertos que se prendem ao corpo daquele entretecido.

Os afagos do coração ficam na memória dos que se tocaram em momento, recebendo e deixando-se nas marcas dos atinos de corações então juntos, próprios do reclamar a parada do tempo das carícias, feitas por aquele ido, em plena saudade de seus tratamentos, suas ardências e branduras em toques, vindos da dulcedão de ajustes de curvas e formas, acomodadas entre dois.

Os afagos do coração permanecem no desejo dos que se deram em atos, recebendo e deixando-se nas amarras da justeza de emoções então tidas, próprias do revolver em imagens retidas no peito daquele que se afeioou, em plena sintonia de seus abraços, de suas emoções e latências havidas, vindas da teimosia de seus regressos, de suas ganas, revindas para o par.

SEPARAÇÃO

J. Peixoto Jr.

Um ano sem você, falta palavra para expressar o meu triste sentir; saudade é pouco, apenas escalavra o forte sentimento a me afligir.

Não há consolação, na mente lavra terrível vazio a me destruir com força venenosa que azinhavra minha disposição de resistir.

Setenta e sete anos de união, tempo tranquilo sem ter discussão, eu a amei e ela me amara.

E' consumido o prazo do preceito "até que a morte..." aí não tem mais jeito, pois chega "a indesejada" e nos separa.

Soneto do Mês



DIVINA MENTIRA

*Judas Isgorogota
(Agnelo Rodrigues de Melo)*

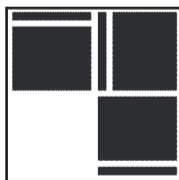
Pobrezinha da mãe que teve um filho poeta e o viu cedo partir para as bandas do mar... Nunca mais que ele volte à mansão predileta, nunca mais que ela deixe, um dia, de chorar.

É como a água de um lago, inteiramente [quieta, a alma de toda mãe que vive a meditar: o mais leve sussurro é-lhe um toque de seta, a mais leve impressão basta para a assustar...

Eu, por sabê-la assim, quando lhe escrevo, [digo: "– Minha querida mãe, não se aflija comigo. E eu vou passando bem... Jesus vela por [mim...

É que assim, ela – a humana expressão da [bondade, contente por saber que eu vou sem novidade, jamais há de pensar que eu vá mentir-lhe [assim...

(Seleção de Napoleão Valadares)



Associação Nacional de Escritores

www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 – Brasília – DF
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642
E-mail: contato.anedf@anenet.com.br @associacaonacionaldeescritores

31ª DIRETORIA
2023-2026

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho
Vice-Presidente: Roberto Rosas
Secretária-Geral: Sônia Helena
1º Tesoureiro: Gilmar Duarte Rocha
2º Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza

Diretora Cultural: Sandra Maria
Diretor de Edição e Divulgação: Anderson Olivieri

Conselho: Anderson Braga Horta, José Carlos Coutinho, Edmilson Caminha, Napoleão Valadares, Danilo Gomes, Kori Bolivia e José Peixoto Jr.

JORNAL da ANE nº 125 – julho / agosto 2024

Editor

Anderson Olivieri
(Reg. FENAJ nº 2887)

Conselho Editorial

Anderson Braga Horta, Sônia Helena,
Anderson Olivieri e
Fabio de Sousa Coutinho

Revisão

Napoleão Valadares

Programação Visual

Rosângela Trindade e Cristina Cardoso

Impressão: Editora Otimismo Ltda.

SIBS Qd. 03 - Conj. C - Lt. 26 - N. Bandeirante, Brasília-DF - CEP: 71736-303
(61) 98626-2636 - 3386-0459 - grupoeditoraotimismo@gmail.com

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

BRANCA ADORMECIDA E AS SETE CINDERELAS

Antonio Carlos Secchin

Era uma vez uma princesinha, tão bela quanto gorda. Vivia na cozinha do castelo, comendo e conversando com as bruxas, que, perdendo a antiga fama, eram agora simples criadas reais.

Uma noite, branca adormecida penetrou na despensa, atraída por enorme abóbora. Comeu-a inteira, e contorcia-se de prazer a cada pedaço, até atingir o orgasmo, provocado por alguns pepinos que friccionava no corpo.

No dia seguinte, ela surgiu chorando à frente do rei, e disse, com gotas de melancia pingando-lhe dos lábios:

– Pai, ontem comi abóbora e estou sentindo um peso horrível, como se tivesse uma carruagem no estômago.

– Já li isso antes, respondeu o arguto velho. Em todo caso, mando te darem trinta chibatadas. O cocheiro da carruagem fugirá em disparada, e quem sabe

você estacionam diante de um príncipe solteiro.

Branca adormecida correu para a cozinha e se jogou numa cama escondida perto do fogão, para facilitar seus ataques noturnos. Comeu algumas tortas de maçã preparadas pela bruxa-chefe e ordenou que só a acordassem daí a cem anos.

Muitas coisas aconteceram nesse século. Os dragões foram domesticados, e faziam exposições pirotécnicas para turistas. Quarenta e nove madrastas tentaram matar as enteadas, invariavelmente, mais formosas. Uma jovem foi internada no hospício por querer a prática de relações sexuais com uma rã, em quem a desvairada via um fogoso príncipe.

Quando Branca finalmente despertou, foi se apresentar ao pai, que já percebera sua ausência:

– Onde estavas, filha? Há sessenta anos o príncipe amarelo propôs-te casa-

mento, mas não consegui localizar-te.

A princesinha era mentirosa, disse ao pai que havia percorrido o mundo num tapete medo-persa, e pediu um banquete para comemorar seu retorno. O bom monarca, então, mandou preparar os pratos favoritos da filha: raposa com uvas e filé de fadas.

Um vendaval espalhou o cheiro das iguarias por muitos reinos e atraiu o príncipe enamorado, mas Amarelo, vencido pela fome quando já avistava o castelo de Adormecida, comeu uma maçã estragada e morreu.

No dia seguinte, sete anõezinhos encontraram o cadáver. Depois de saqueá-lo para vender seus anéis, brincos, pulseiras e dentes de ouro, um anãozinho, agradecido, beijou-lhe a face, no que foi seguido pelos outros. O príncipe ressuscitou, casou-se com os sete, e foram felizes e infelizes para sempre.

INICIAÇÕES

Márcio Catunda

Em *Iniciações*, livro que Anderson Braga Horta define como “crônicas pela matéria, poemas pela forma, crônicas-poemas e poemas-crônicas”, afloram reminiscências de paisagens, momentos e pessoas que compõem o imaginário de suas vivências.

A criança que viveu na plenitude de um mundo ideal é a personagem desta autobiografia, escrita em versos; livro maduro, escrito por quem muito viveu e sentiu. Com efeito, na véspera de celebrar 90 anos de idade e quase 80 de poesia, o Poeta plasmou, com tal elegância estética o seu excêntrico manancial, que o tom dolente da nostalgia está apenas implícito nos poemas, sem ênfase retórica.

A graça no acabamento da sintaxe e a conflorada imagética, impregnada de saudades, constituem a fórmula alquímica destes epigramas-memoriais.

Reportar o encantamento da infância em poesia da mais alta frequência só pode ser proeza de poeta experimentado nas lides da vida e do conhecimento.

As pérolas desse colar de relatos poéticos são uma vetusta amburana, a Igreja da Boa Morte, a escolinha dos primeiros aprendizados, a ladeira calçada de pedras, que o menino percorreu, a doçura dos alfenins, os primeiros idílios das meninas, o pai e a mãe poetas, o tio Geraldo, os avós, a pintora Goiandira, amiga de sua mãe, Goiás, Serra Dourada, Pedra Balança, Bom Jesus da Cachoeira Alegre, entre

outras visões de sua viagem introspectiva.

No poema "Reino", por exemplo, Anderson reconstitui cada detalhe arquitetônico da sua casa antiga. Cada compartimento evoca uma lembrança e, nos arredores, reaparece o domínio fabuloso do menino que anunciava o Poeta.

Essas imagens “que o tempo reluta em apagar”, reiteram que as coisas vividas não passam, porque a lembrança as transporta para o presente. A recordação dos momentos mais marcantes da vida, eminentemente, os da infância e da juventude, é, de fato, uma imersão na mais alta reflexão lírica.

As imagens se sucedem no tear da fantasia. São flashes de perplexidades e prazeres vividos: a experiência de perder

Continuação na página 4

um trem em Pires do Rio, a primeira casa em Goiânia, os doces de buriti de Goiás, as mangas do quintal da casa, os araçás do cerrado, castanha de caju na brasa, a arte de comer pequi, a leitura dos gibis e a primeira comoção num poema de Vicente de Carvalho são cenas concretas do filme da infância, que se mescla às visões introspectivas dos medos dos pesadelos e dos fantasmas vistos. Também, algumas impressões sofridas, em ocasiões dramáticas, provocadas pelas travessuras de menino.

Iniciações é todo um inventário poético, emanado dos armazéns das lembranças indeléveis.

Confessa o Poeta o seu gosto pela literatura, desde muito jovem, no poema "Fim do 1º Ato", em que enumera a lista de títulos e autores dos primeiros livros, lidos aos 12 anos, em Minas; aprendizado que constituiu o mais profundo substrato da sua vocação e da sua formação poéticas. A "Ária de Rossini", já escutada pelo futuro melômano, o platônico amor por uma

normalista, os incipientes versos, escritos em Leopoldina, integram a riqueza de memórias e sentimentos que transluzem nestas chispas vivas da sua retentiva.

No posfácio de *Iniciações*, Ronaldo Cagiano define o estilo do livro como "mininarrativas em clave de poesia" e o considera "peculiar na longa trajetória literária" do autor. Com argúcia, Cagiano detecta que a obra "foge à conhecida dicção" de Anderson, "para inserir-se como espólio vivencial".

RAINHAS DE BATERIA

*Alberto Rostand Lanverly**

Filho de funcionários públicos, havendo desde muito cedo, frequentado o regime de internato do colégio Marista, onde já a partir dos quatorze anos de idade não somente estudava, como, com autorização de meus genitores, também ensinava no educandário noturno da instituição, conhecida como escola Champagnat, frequentada por pessoas carentes residentes no Vale do Reginaldo em Maceió, sempre soube ser a vida repleta de desafios e contratempos, sendo comum uns se decepcionarem com outros.

Aprendi nunca esperar muito dos semelhantes, evitando trazer comigo desilusões e frustrações desnecessárias, então o tempo passou, e com a chegada das dores que aos poucos se espalham no corpo, fui aprendendo a viver em um mundo de vai-

dades, onde pessoas estão mais preocupadas com aparências e interesses próprios.

Seguindo a vida inseridos em muitos contextos sociais e profissionais, vamos deparando com indivíduos que em detrimento do bem-estar coletivo, buscam incessantemente exposição, tentando a projeção pessoal, utilizando o brilho de semelhantes e até instituições, como trampolim para sua própria visibilidade, no entanto, quando surgem dificuldades, esses se absterem de oferecer qualquer opinião ou solução, preferindo permanecer à margem até que os problemas sejam resolvidos.

Em minha ótica, tais criaturas agem como verdadeiras "rainhas de bateria" nos momentos festivos, surgindo em destaque apenas quando há celebrações e holofotes, prontos para colher louros e admiração do público. Contudo, na hora do trabalho e

decisões por simples que sejam, desaparecem, deixando o peso das responsabilidades nas mãos dos já sobrecarregados.

Reitero jamais haver me decepcionado com aqueles que em detrimento do "nos", insistem em divulgar o "eu", pela certeza de que a fanfarrice de tais seres, somente "Freud" pode explicar, por outro viés, é fundamental reconhecer e valorizar os que além de estarem presentes nos momentos festivos, também se dispõem a enfrentar desafios com coragem e colaboração, fortalecendo a construção de ambiente onde o sucesso venha ser compartilhado e todos tenham oportunidade de se destacar de maneira justa e verdadeira.

* Presidente da Academia Alagoana de Letras

BRINCADEIRAS

Vitorino de Sousa

Brinca o vizinho vendo novelas rascas na TV.
A vizinha brinca bebendo rum por uma caneca
e o Tó brinca imitando os gestos do chimpanzé.

Brinca o menino com um espelho e uma boneca,
brinca o pai a fingir que está a fazer o jantar,
brinca a mãe jogando com o irmão à sueca.

O avô brinca aprendendo a fazer croché.
Brinca o Ivo dormindo uma bela soneca,
brinca a menina fingindo que está a fumar.

Brinca a Luísa não parando de saltitar,
a Isabel brinca aos amores beijando o André,
e o tio brinca vendo o Benfica e o Porto a jogar.

O Pedro brinca fingindo que é levado da breca.
O Carlos brinca sentado a ver o sol a nascer
e o João brinca passeando sozinho à beira-mar.

Eu, confesso, brinco quando me ponho a escrever!

O POETA SARAMAGO

sôniahelenah

José Saramago é, sem qualquer dúvida, um dos principais nomes da literatura mundial do século XX. Cronista, contista, jornalista, memorialista, dramaturgo, tornou-se internacionalmente reconhecido por seus romances, pelos quais recebeu numerosos e importantes prêmios, dentre os quais o Camões (1995) e o Nobel de Literatura (1999), o único concedido a um escritor em língua portuguesa.

Levantado do Chão, Memorial do Convento, O ano da morte de Ricardo Reis, Jangada de Pedra, Ensaio sobre a Cegueira, Caim, O Evangelho segundo Jesus Cristo, dentre muitos, têm sido lidos, traduzidos, analisados e debatidos mundo afora há anos e o continuarão sendo por décadas. Reconheço que ler Saramago me deixa suspensa no ar, ou mergulhada no mar, sem fôlego, tomada por uma vaga que me derruba, encaixota, desarruma, arrasta, rodopia, me desarticula, até chegar à praia, onde consigo novamente respirar.

Seu estilo singular, a precisão na escolha das palavras, as figuras de linguagem, as personagens quase mágicas, a diversidade temática, a prosa lírica e a atemporalidade, pois para ele “hoje e amanhã não passam de diferentes nomes da ilusão”, são ingredientes presentes em toda a sua obra romanesca.

Mas nem sempre foi assim. Saramago, que começou a publicar já na idade madura, bem antes do romancista notável que é, foi poeta. Estreou pela poesia aos quarenta e quatro anos de idade e publicou três livros: *Poemas possíveis* (1960), *Provavelmente alegria* (1970) e *O ano de 1993* (1975). *Poemas possíveis* teve uma segunda edição em 1982 e mais uma em 1985.

Em 2005, a Ed. Alfaguara reuniu os três livros e publicou *Poesia completa*, com Prólogo do próprio Saramago, e em 2022, a Fundação Saramago e a Assírio & Alvim, uma chancela da Porto Editora, repetiram o feito em *Poesia completa*, reproduzindo o Prólogo da edição de 2005 e acrescentando um posfácio de Fernando J. B. Martinho, no qual ele faz uma excelente análise da poesia de Saramago.

Poemas possíveis foi inicialmente publicado na coleção “Poetas de hoje”, a mais importante coleção de poesias na década de 1960, tendo editado nomes como José Gomes Ferreira, Adolfo Casais Monteiro, António Gedeão, Sophia de Mello Breyner Andresen, Jorge de Sena, Eugénio de Andrade, entre outros.

Segundo Saramago, o livro resultou da combinação da leitura de *Filho do homem*, de José Régio Filho, com uma experiência sentimental vivida no início dos anos 1960.

Jorge de Sena, entretanto, afirma que a conjugação desses dois fatores seria insuficiente para justificar a maturidade expressiva dos poemas do livro de estreia de Saramago. Acredita que a atividade de tradutor exercida durante anos e de diretor de produção editorial devem ter contribuído fortemente para a criação dos poemas saramaguianos.

A leitura dos três livros de poesia de Saramago mostra muito claramente uma evolução dos “constrangimentos da métrica e da rima” iniciais, que o levavam a uma “fabricação da poesia”, como ele mesmo afirma no Prólogo da edição de 2022, para uma forma mais livre e solta, quase de um poema em prosa, com versos brancos, em *Provavelmente alegria*, e aos versículos de *O ano de 1993*.

Nos dois primeiros livros, que guardam alguma similaridade formal, ainda que em *Provavelmente alegria* Saramago comece a se livrar das regras e da poesia fabricada, o que se completa em *O ano de 1993*, o uso dos recursos aliterativos, anafóricos e enumerativos é muito evidente, dos quais, *Pesadelo* e *Intimidade* são claros exemplos:

Pesadelo

*Há um terror de mãos na madrugada,
Um rangido de porta, uma suspeita,
Um grito perfurante como espada,
Um olho exorbitado que me espreita.*

*Há um fragor de fim e derrocada,
Um doente que rasga uma receita,
Uma criança que chora sufocada,
Um juramento que ninguém aceita,*

*Uma esquina que salta de emboscada,
Um risco negro, um braço que rejeita,
Um resto de comida mastigada,
Uma mulher espancada que se deita.*

*Nove círculos de inferno teve o sonho,
Doze provas mortais para vencer,
Mas nasce o dia, e o dia recomponho:
Tinha de ser, amor, tinha de ser.*

Intimidade

*No coração da missa mais secreta,
No interior do fruto mais distante,
Na vibração da nota mais discreta,
No búzio mais convolto e ressoante,*

*Na camada mais densa da pintura,
Na veia que no corpo mais nos sonde,
Na palavra que diga mais brandura,
Na raiz que mais desce, mais esconde,*

*No silêncio mais fundo desta pauta,
Em que a vida se fez perenidade,
Procuro a tua mão, decifro a causa
De querer e não crer, final, intimidade.*

Provavelmente alegria já apresenta a transição para o poema em prosa, com clara liberdade de composição, tanto no uso de versos livres quanto na combinação entre o poema monóstico, como *O primeiro poema*, e composições com diferentes estrofes, nas quais por vezes introduz inesperadas mudanças estróficas como se pode ver em *Cavalaria*, no qual Saramago passa das quadras a sextilhas e retorna à quadra.

O primeiro poema

Água, brancura e luz da madrugada,
E nardos orvalhados, olhos tardos,
E regressos de longe, lentos, vagos,
De espiral que se expande, ou nebulosa.
Assim diria que o mundo se criou:
Gesto liso das mãos do universo
Com perfumes e auras que anunciam,
Noutras mãos de quimera, outros versos.

Cavalaria

Cheguei esporas ao cavalo
E os sentimentos exaustos
Deram saltos no regalo
Das gualdrapas e dos faustos

A relva cheirava a palha
Desmanchei rosas vermelhas
Mas pasto foi maravalha
Sabia ao sarro das selhas

Porque o cavalo era eu
O cansaço e as esporas
Tudo eu e a dor do céu
Mais o gosto das amoras

Relinchos eram os versos
Com jeito de ferradura
Que fazia por dar sorte
Mas tantos foram reversos
Que o ventre de serradura
Deu um estoiro deu a morte

Cai a montada no chão
Cai por terra o cavaleiro
Que era eu como se viu)
Da escola de equitação
Vim ao saber verdadeiro
Das transparências do rio

Agora dentro do barco
Nos remos brancas grinaldas
Tenho os teus braços em arco
Como um colar de esmeraldas.

Ainda em *Provavelmente alegria* podem ser encontrados “O beijo” e “Proto-poema”, como algumas das primeiras experiências do poema em versículos que irá dominar o terceiro e último livro de poesias de Saramago.

O ano de 1993, totalmente diferente dos outros dois, todo escrito em versículos, o que sugere uma ambiguidade genológica, discutida por vários críticos

e, ao fim e ao cabo, aceito como um livro de poesia, é composto de 30 poemas de tamanho variável, que narram a ocupação de um país imaginário por um invasor, as crueldades cometidas contra o povo, até a libertação. O estilo realista e metafórico pode ser percebido em todo o livro, como exemplificado nos seguintes fragmentos:

Quando o sol se move como acontece fora das pinturas a nitidez é menor e a luz sabe muito menos o seu lugar (cap.1, frag. 2)

Mas ao apagar-se o fogo acontecera a desgraça de todas mais temida porque com ela seria o tempo do pavor sem remédio do negrume gelado da solidão (cap.18, frag. 3)

Todas as calamidades haviam caído já sobre a tribo a ponto de se falar da morte com esperança (cap. 20, frag. 1)

Saramago afirmava que o livro *Ensaio sobre a cegueira* marcou um nítido ponto de inflexão e o início de uma nova etapa na sua forma de escrever. Passou da descrição de uma estátua, no exterior da pedra, que vinha fazendo desde *Manual de pintura e caligrafia*, a buscar a sua essência, o seu interior.

Mas ele teve uma guinada muito mais radical ao abandonar a poesia para se dedicar ao romance. Como ele mesmo afirma no Prólogo de sua *Poesia Completa* (Ed. Alfaguara, 2005), reproduzido em *Poesia Completa* (Assírio & Alvim, 2022), a poesia foi “o aquecimento para fazer brotar o romance”. Segundo ele, esse amadurecimento literário:

... Precisamente, os nexos, os temas e as obsessões de um corpo literário em mudança, deste escritor que a si mesmo se vem observando como a uma espécie de contínua crisálida que, certa de que jamais alcançará o último instante da metamorfose, aquele que finalmente daria origem ao inseto perfeito, se aceita e realiza no seu próprio e incessante movimento. A crisálida move-se no lugar obscuro em que se encerrou, o escritor move-se no lugar obscuro que é.

Foi esse movimento (.....) que, pouco a pouco, veio tornando o poeta incipiente num romancista aceitável. O primeiro passo no caminho levou-o a um segundo livro de poesia, Provavelmente alegria (1970), que, desenvolvendo e depurando o tratamento de temas que já vinham de Os poe-

mas possíveis, se abre a orientações novas que o aproximam do poema em prosa, em particular do versículo como célula rítmica e melódica ... (e) viria a completar-se no terceiro e último passo que é O ano de 1993...

No dizer de alguns críticos mais atentos, este livro anunciou e abriu a porta à ficção que a crisálida invisível vinha preparando na obscuridade do casulo. Dois anos depois seria publicado Manual de Pintura e Caligrafia, logo viria Levantado do chão, logo Memorial do convento, logo O ano da morte de Ricardo Reis. Até hoje...

Se a poesia perdeu, nunca saberemos. Mas o mundo ganhou um dos melhores romancistas que, aliás, nunca abriu mão da inspiração inicial. Em toda a sua escrita posterior à fase da poesia, há numerosas passagens de prosa poética genuína e irrepreensível. Basta lembrar a frase que abre o “1º de janeiro de 1998”, em *O último caderno de Lanzarote* (São Paulo : Companhia das Letras – Editora Schwarcz S.A., 2018. p. 19).

Durante a noite, o vento andou de cabeça perdida, dando voltas contínuas à casa, servindo-se de quantas saliências e interstícios encontrava para fazer soar a gama completa dos instrumentos da sua orquestra particular, sobretudo os gemidos, os silvos e os roncões das cordas pontuados de vez em quando pelo golpe de timbale de uma persiana mal fechada.

PAS-DE-DEUX

Ronaldo Costa Fernandes

Quis o amor conhecer
de que fonte provinha.

O amor é ele mesmo,
a fruta de sua vinha.

É espontâneo e rude,
a água e seu açude.

Amor é mil revoluções por minuto
fazer da boca do outro
um tanque de oxigênio
e submergir ao relógio parado.

PARIS É UMA FESTA

Fabio de Sousa Coutinho

“Prose is architecture, not interior decoration.”

Ernest Hemingway

No campo estritamente literário, por certo o de maior interesse aos leitores do JORNAL da ANE, o ano de 2014 marca, entre tantas efemérides importantes, os 60 anos do lançamento póstumo, em 1964, de uma obra preciosa, americana na origem estética e universal no legado humanista.

Morto em 1961, Ernest Hemingway deixou pronto o seu extraordinário *A Moveable Feast*, publicado, nos Estados Unidos, pela prestigiosa casa livreira Simon & Schuster. Entre nós, foi traduzido pelo célebre editor da Civilização Brasileira Ênio Silveira, de quem recebeu o inspirado título de *Paris é uma festa*.

O livro é a crônica apaixonada e reverencial dos anos que o fenomenal homem de letras passou em Paris, de 1921 a 1926. Trata-se de memórias de diversos (e fascinantes) lugares e ambientes da Cidade Luz e, também, do convívio privilegiado com outros luminares expatriados na capital francesa naquele período, tais como

F. Scott Fitzgerald e Gertrude Stein. Com elegância de mestre precocemente consumado, Hemingway traça um suave perfil de sua primeira mulher, Hadley, e compartilha lembranças dos tempos augurais às voltas com o ofício em que se tornaria, em prazo relativamente curto, um artífice poucas vezes superado.

Autêntica celebração intelectual, o livro traduz, com brilho invulgar, o exuberante clima cultural de Paris, logo em seguida ao fim da I Grande Guerra (1914-1918), e o espírito jovem, a forte criatividade e o entusiasmo irreprimível que o próprio Hemingway personificava de maneira arrebatadora.

Ernest Hemingway fez mais para mudar o estilo da prosa em língua inglesa do que qualquer outro escritor no século XX, e isso se traduziu na justíssima concessão do Prêmio Nobel de Literatura, que a Academia Sueca lhe outorgou, em 1954. Seus livros *The Sun Also Rises* (*O sol também se levanta*) e *A Farewell to Arms* (*Adeus às armas*) colocam o artesanato textual de Hemingway como dos mais prodigiosos levados a cabo na arte da ficção, em qualquer época.

Na condição de integrante da comunidade de expatriados na Paris da década

de 1920, o antigo jornalista e motorista de ambulância iniciou uma carreira de literato com dedicação exclusiva, que o levou a uma projeção sem limites e sem retorno. Aficionado por touradas e caçadas, Hemingway admirava a coragem e a entrega incondicional dos praticantes desses esportes, que não raro sofriam castigos físicos e psicológicos de graves e dolorosas proporções.

Como repórter, Ernest Hemingway cobriu a Guerra Civil espanhola (1936-1939), retratando-a no romance *For Whom the Bell Tolls* (*Por quem os sinos doam*), e, também, a II Guerra Mundial (1939-1945). Por sua clássica novela *The Old Man and the Sea* (*O velho e o mar*), foi agraciado com o Prêmio Pulitzer de 1953.

Nascido em Oak Park, Illinois, em 21 de julho de 1899, Hemingway faleceu em Ketchum, Idaho, onde possuía um rancho, alguns dias antes de completar 62 anos de idade. Trágica e violentamente, deu fim à própria vida, que, então, já não lhe era mais uma festa. Deixou milhões de leitores de várias gerações, em todos os cantos da Terra, de Keywest a Madrid, de Havana à amada Paris de sua culta e festejada juventude.

A CHAVE DE OURO DE FERNANDA CRUZ

Salomão Sousa

Eu falaria sobre todas as nuvens, sobre todos os poetas, sobre todos os gravetos, da utilidade e da inutilidade de tudo que podemos enxergar atravessando o raio de sol. Um tronco que não é uma cidade, pois não se submerge nas águas. A palavra que nasce de uma outra e surge não só em versos de Tennyson. Em Fernanda Cruz, essa poeta goiana de farta versatilidade lírica, o verso “entreaberta noite de céu tão aberto” abre os braços. Em Tenny-

son, ressoa o verso “Fútil o ganho para o rei nada útil” (*It little that in idle king*). Sem essas liberações internas, a poesia fica bem fútil, bem irrealizada.

Encontrei Fernanda Cruz por pura casualidade. Emergiu de um pavilhão em Goiânia, numa noite de dezenas de mesas rodeadas de poetas. Estava atrás de um balcão com seus livros entre milhares de pessoas. Rimos e nos conhecemos e somos irmã e irmão abraçados, surja o pavilhão iluminado ou a noite do apagado Huma-

nismo. E nossas poesias se entrelaçam gulosas de língua e performance.

Gosto de me ocupar da poesia que não parte de uma exposição específica, que não desbarranca, mas que se ocupa dos esgarçamentos para entrelaçar línguas e desespero, se for desespero, ou braços, se esses se estenderem. Versos que surgem para surpreender quem escreve e quem lê.

Continuação na página 8

A ternura que nasce independente da lírica convencional, pois a vida quer se estender como árvores do cerrado. Galhos secos ou frutificados que se infiltram em aramados de caramanchões a recobrir a terra de vida para que nada seja estéril num socavão.

a sombra da árvore se alarga e se estreita
também meus braços se alargam num
segundo
em outros braços que é o instante e se deita

E uma criança possivelmente virá recobrir com tinturas a sombra. Definir o sujeito para o verbo que ficou agarrado solitariamente no final de um terceto através de uma pequena garra (e). Mas os verbos, em Fernanda Cruz, são enganadores para inversão das metáforas. De repente não são os pés que alcançam o musgo (*e os pés/o musgo alcança*). Os pés talvez es-

tivessem paralisados e o musgo fosse mais apressado.

Os verdadeiros poetas se realizam pelas grandes inversões que conseguem enxergar, pela visibilidade do interior das palavras e das construções que elas ofertam (*subliminar/semblantes*). As terminações das palavras são escorregadias, no entanto, as junções internas, quase comuns, mas diversas, são encontradas só com chaves muito pessoais. E Fernanda Cruz tem a chave de ouro na memória para desentranhar as junções das palavras. Nela, por esses desentranhamentos, os eventos são outros, já alheios ao cotidiano, à angústia.

Eu gostaria de entrelaçar versos só na memória como é a prática dos recitais de Fernanda Cruz pela capital goiana, essa poeta que estreou em 2008, com *Regatos do Instante* e publicaria ainda, em 2012, o poemário *Ar mais próximo*, para chegar a

2019 com esse *Irreversível amarelo* (2019). Seus livros são um exercício zen de abraçar. Se eu conseguisse retê-los na memória, não teria de interromper o fluxo dos espasmos do inconsciente. Pode existir a performance, podem ocorrer a doença e suas consequências, mas a poesia existe em qualquer circunstância, seja ou não abolida a presença do autor. Mas e a poesia de uma amizade, se a amizade exige presença? No entanto, a presença que atua na poesia de Fernanda Cruz não é mais a da autora, mas a de quem lê. Nisso a grandeza da leitura – somos a mistura do que somos com a de quem nos diz o que é ou quem foi. Depois de ler Fernanda Cruz, juntos fertilizamos um eito da vida.

a voz que poussa
e faz voar
toda matéria

Daniel Blume

O MISERÁVEL

Falo de um verme
a se esgueirar bem debaixo
de sua timidez.

Falo do gago fraco
a celebrar o mal
dos conchavos e traições
que lhe aprazem.

Falo do dono
dos olhos miúdos
intranquilos, fugidios
dos covardes.

Falo do rato magro
de pelos ralos
meio ruivos mal pintados.

Falo do tal
corvo, parvo, zote,
biltre e nércio:
o Comendador Pitanga.

BONITO

Amigo
de quase ninguém,
a cara se dá
com todos.

Bonito joga
de ambos os lados
em qualquer
tabuleiro.

De alto
de sua cropofagia
tão cheio de si
tão cheio de nada.

LEVIANDADE

Há gentileza despida
de hombridade
na mão estendida
com pólvora nos dedos.

Há ira
na íris sorridente
se reflete
invejosos ímpetos.

NULO

Inútil
não serve nem
para descarte.

Não é sicrano
nem fulano
nem beltrano.

Para alguém
de alguém
é algo.

O ENCONTRO MARCADO, UM ROMANCE DE ÉPOCA

Vera Lúcia de Oliveira

O jovem protagonista Eduardo Marciano de *O encontro marcado* (RJ: Record, 1977), de Fernando Sabino (1923- 2004), seria agora um setentão. Mas envelheceu muito antes. Aliás, nasceu velho... De “menino diabo” como o pequeno Brás Cubas, precoce, passando pela adolescência de “enfant terrible”, quase um delinquente, até a idade da razão cumpriu muito sofrimento.

Esse personagem marcou toda uma geração. Mais que uma até. Não houve estudante no país que não tivesse lido esse livro impactante, rico e emocionante. Este, aliás, é o adjetivo que bem o define: emocionante. Com técnica inovadora, mistura a terceira pessoa à primeira, com o discurso indireto livre dando vivacidade e espontaneidade à narrativa. Escrito e publicado entre 1954 e 1956, primeiro romance do autor, já nasceu pronto, consagrando o mineiro de Belo Horizonte como grande talento nacional.

Mas, afinal, quem é Eduardo Marciano?

A resposta não é simples. Filho único de família de classe média média, deu trabalho aos pais desde pequeno. Voluntarioso, com crises histéricas em que se arranhava até sangrar, não obedecia aos adultos, só fazendo o que lhe apetecia; era o terror da casa e da escola. Não cresceu melhor: transgressor, fez todo tipo de loucura nas noites da provinciana Belo Horizonte com os amigos adolescentes, pondo a vida em risco, cometendo delitos, indo parar até na cadeia. Como não tinha limites, viveu a juventude «transviada», como se dizia naquela época. A vida boêmia marcou-o também no Rio de Janeiro para onde se mudaria nos seus vinte e poucos anos seguindo o coração e a carreira jornalística.

Muito inteligente, grande leitor, desde menino escrevia contos e logo se interessou pela escrita como profissão. Queria ser escritor. Sempre quis algo que

dependesse somente de si mesmo, como a natação, que praticou, subindo todos os pódios como recordista (assim como o autor); natação que foi o seu bem e o seu mal, que o consagrou campeão mas o esgotava nos treinos e lhe dava pesadelos em que se debatia em água viscosa e quase se afogava, metáfora talvez do mergulho no inconsciente e do debate consigo próprio pela vida turbulenta que levava. O que, no entanto, o perturbou para sempre foi o relacionamento conflituoso com as mulheres. Desde o primeiro namoro ingênuo até o casamento, ainda muito jovem, não soube lidar bem com as saias. Aqui cabe talvez um olhar mais profundo sobre o assunto. Puritano em sua essência e formação católica, separava as mulheres em duas categorias, as amadas e as desejadas. A própria sexualidade tornou-se um problema sério. Teve nojo das prostitutas que frequentou sem sucesso. Um Adão depois do primeiro pecado. Temia a corrupção, a perda da inocência pela culpa. (Era leitor de Kierkegaard). A imagem da mãe pode ter sido um modelo de mulher santa, do lar, em oposição às moças que conquistava facilmente, e que desprezava, inclusive a bela Antonieta com quem se casou. Casamento fracassado totalmente.

Identificado com o pai (que no filho se projetava, assim como Fernando Sabino se projetara no personagem), teve todos os seus desejos realizados na medida do possível, pois dele nunca ouviu um “não” categórico. E da mãe bondosa, cada vez mais se distanciava, praticamente abandonando-a na velhice.

Esse menino mimado, cruel e endiabrado, cresceu atormentado existencialmente. Neurótico, bebedor compulsivo de álcool, machista, leitor de literatura, filosofia e religioso bissexto, vivia à procura de si mesmo. Apesar dos amigos inseparáveis de copo e de bar e das discussões intermináveis, era um ser solitário, angustiado. Sentia algo escapar constantemente de si, percebia as perdas e danos de sua vida. E mesmo com grande talento

para brilhar no mundo da escrita, deixava-se arrastar para a lama, para o *bas-fond*, envolvendo-se em escândalos, atraído pela vertigem da queda – na pulsão de morte de que fala Freud. No entanto, era salvo pela pulsão de vida, pois estava sempre pronto para recomeçar, tentando encontrar a si mesmo e o sentido de sua vida, em uma jornada espiritual.

O encontro marcado hoje não tem mais o impacto daquela época (identificada como a do ditador). Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, disse Camões. Não temos mais jovens leitores apaixonados pela alta literatura. Quem lê Flaubert, Stendhal, Sartre, Rimbaud, Dostoievski, Baudelaire, Bandeira e outros do gênero? Numa época apressada, jovens com seus aparelhos eletrônicos estão voltados para as redes sociais, jogos virtuais, textos resumidos e comentados em poucos minutos. O jovem Eduardo Marciano e os amigos Mauro e Hugo, os três mosqueteiros iluminados “encharcados de literatura”, que discutiam suas leituras nos botecos e sonhavam com revoluções não existem mais. *O encontro marcado* do grande Sabino ficou marcado como romance de época, de uma geração que vivia as emoções no seu limite e via o mundo por meio dos livros, nos quais buscava sua formação e engajamento político. Uma geração que sonhava com mudanças, embora não soubesse exatamente o que queria...

Assim, nesse belo e sofrido romance, acompanhamos, da “Procura” ao “Encontro”, de si mesmo e de Deus, a jornada de Eduardo Marciano, com sua sede de viver e a angústia de quem está condenado à liberdade.

“De tudo, ficaram três coisas: a certeza de que ele estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sono uma ponte, da procura um encontro”. (p. 145).

HENRIQUE ALBERTO DE MEDEIROS FILHO*

ATEÍSMO

Sou ateu
 graças a deus
 por acreditar em nada
 acredito em tudo
 por acreditar em tudo
 acredito em nada
 mas continuo procurando
 em cada morte
 em cada nascimento
 em cada passo cada falso
 no medo do desconhecido
 na coragem de continuar vivendo
 nos desencontros dos meus eus
 em cada retina
 nas profundezas do exame que faço
 do fundo dos olhos
 uma forma de
 como deixar
 de ser ateu.

REFUGOS

não há o que
 recordar reclamar
 dos caminhos
 que não escolhemos por aí
 foram refugados e deixamos
 que passassem ao largo
 poderiam ter sido histórias definitivas
 de sucessos e felicidade
 de derrotas e tristeza
 convém saber conviver
 com vitórias e fracassos
 com soluções encontradas
 com a trajetória escolhida
 saber apreciar suas realidades
 delas tirar boas e más rotas das fugas
 que nos levam a essas outras estradas
 de onde observamos
 antigas e novas encruzilhadas

OPÇÕES

acolho estas múltiplas
 opções de metrópole
 mundo reunido numa só cidade
 todas as raias abertas
 liquidificador unindo
 ingredientes na colorida
 vitamina da vida
 que se bebe na súcia
 se vomita entre
 pândega e aflição
 paralelas disponíveis
 variantes se completam
 corpo é livre e pronto
 pode ter tudo
 mas também nada

JABUTICABAS

Sou uma criança
 quando olho nos seus olhos
 meus olhos
 eram dois olhos bem abertos
 duas jabuticabas
 em meio a brancas luas
 de olhos de crianças
 que foram se fechando
 pouco a pouco
 diminuindo
 encolhendo
 sou uma criança
 quando olho nos seus olhos
 duas jabuticabas
 em meio a brancas luas
 de sonhos de crianças

* Presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

ONDE RAUL CRUZA COM TANCREDO

Marcelo Torres

Salvador, eis a cidade onde o viaduto Raul Seixas cruza com a avenida Tancredo Neves. Toda vez que vejo a travessia de um sobre outro, lembro que, curiosa e coincidentemente, esses dois personagens tiveram um encontro de verdade bem ali pertinho, no final de 1984. Na época, o ex-governador mineiro viajava pelo país como candidato a Presidente da República, em eleição que seria feita de forma indireta, em janeiro de 1985, mas tendo como votantes apenas os deputados e senadores (ele venceu, com ampla maioria, o adversário Paulo Maluf).

No dia da visita de Tancredo à Bahia, Raul chegara do Rio de Janeiro na véspera e estava em companhia do amigo cineasta Beto Sodré, que era também seu empresário. E que o levava para beliscar umas lambretas e tomar umas cervas no restaurante Língua de Prata, na praia de Itapuã. Ao contrário do músico, que odiava jornais (tanto que disse, numa letra, “eu não preciso ler jornais, mentir sozinho eu sou capaz”), o cineasta não passava um dia sequer sem ler *A Tarde*, diário local, cujo exemplar ele comprava mais cedo e agora o puxava para ler ali na mesa.

— Pô, velho! — Raul reclamou. — Você me traz aqui pra ficar aí lendo jornal? Sodré, então, mostrou a manchete da primeira página, informando que Tancredo chegaria naquela manhã à Bahia. — Que tal irmos lá — o empresário propôs. — Cê tá maluco? — o cantor reagiu. — Oxente! Por que não? — o outro insistiu. — Como é que eu vou lá nessas condições? — indagou Raul, que estava de sunga, camisa de seda, de manga comprida e com estampa, mais óculos escuros, meias, sapato de couro. — Rapaz, você é artista! — minimizou o amigo. — Quem diabo vai olhar pra isso? Bora lá!

Depois de muita saliva, além de três cervejas e vinte lambretas, terminaram indo. Quando chegaram ao aeroporto, a segurança reconheceu Raul e tratou de ir abrindo espaço para o famoso artista e seu auxiliar. Os dois foram direto para a área reservada às autoridades, a poucos metros da escada do avião. Segundo contou Sodré (no livro *Raul Seixas: por trás das canções*,

do jornalista Carlos Minuano), quando a porta se abriu, Tancredo veio descendo e acenando para as pessoas em geral, mas, assim que avistou o maluco beleza, teria gritado:

— Raulzinho! Olha só a intimidade de um mineiro, uma velha raposa política, setenta e quatro anos de idade, com um baiano, roqueiro, trinta e nove anos! E este, por sua vez, teria gritado: — Desça logo que eu quero lhe dar a solução para o país. E o candidato foi descendo, devagar e sempre, mineiramente com um olho nos degraus da escada (na época sem corrimão) e outro na plateia. Já com os pés no tapete vermelho, em solo, ofereceu a mão em cumprimento aos presentes, lideranças políticas baianas e de outros estados vizinhos. Por fim, veio abraçar o músico, perguntando-lhe ao pé do ouvido: — Qual é a solução?

Nos livros biográficos sobre o ex-presidente, não consta que ele fosse fã de rock nem que tenha alguma vez na vida ouvido Raul. Assim, é bem possível, por exemplo, que ele não conhecesse certa canção irônica que Raul gravara quatro anos: “A solução pro nosso povo eu vou dá/ negócio bom assim ninguém nunca viu/ tá tudo pronto aqui, é só vim pegá/ a solução é alugar o Brasil/ nós num vamo pagá nada/ nós num vamo pagá nada/ é tudo free/ tá na hora, agora é free/ vamo embora...”

— A solução é alugar o Brasil — cochichou Raul. Ambos riram, ainda abraçados, naquela inusitada imagem: o roqueiro de sunga, camisa comprida, sapato e meias, e o ex-presidente de paletó e gravata. — Alugar? Jamais — retrucou a velha raposa mineira, pegando o roqueiro pelo braço e o levando para o saguão, onde havia uma multidão.

A passagem foi curta pelo aeroporto, de onde seguiram para um auditório de um centro comercial a poucos metros de onde hoje o viaduto Raul Seixas atravessa a avenida Tancredo Neves. Ali, o candidato falava umas palavras para empresários e políticos locais. Sodré, antes de chegar ao auditório, passou numa loja de discos e comprou um LP de Raul e levou para o autor, que encheu a capa de dedicatórias,

antes de presentear o ilustre visitante.

Depois do evento em Salvador, o candidato seguiu a maratona de viagens de campanha. Ganhou a eleição, viajou ao exterior, voltou, adoeceu, se internou e morreu em abril, causando uma imensa comoção nacional (inclusive, na Bahia, ganhou não só o nome da citada avenida, mas de um bairro da capital e uma cidade do interior). Raul acreditava que Tancredo havia sido assassinado, suspeita que era comungada por não poucas pessoas no país, porém essa versão até hoje carece de comprovação. E outro fato histórico acontecería naquele ano (1985): depois de mais de duas décadas, seriam realizadas eleições para prefeito nas capitais dos estados.

Menos de trinta dias após a morte de Tancredo, em maio, o mês das mães, uma emissora de televisão divulgara uma pesquisa segundo a qual os nomes mais lembrados pelo público, de forma espontânea, para a prefeitura de São Paulo, foram Xuxa, Pelé e Raul Seixas. O músico aproveita a data das mães, a pesquisa eleitoral e a suspeita da morte do amigo e compõe *Cowboy fora da lei*, com o parceiro Cláudio Roberto. E a letra, já nos primeiros versos, vai tocar nesses três aspectos: “Mãe, não quero ser prefeito, pode ser que eu seja eleito, e alguém pode querer me assassinar; eu não preciso ler jornais, mentir sozinho eu sou capaz, não quero ir de encontro ao azar”.

Além disso, segundo Sodré, na versão inicial da letra havia um trecho que homenageava o líder político mineiro: “Oh, coitado do Tancredo, Deus me livre, eu tenho medo, morrer dependurado numa cruz”. Depois, por precaução, eles teriam mudado a letra, ficando: “Oh, coitado, foi tão cedo, Deus me livre, eu tenho medo, morrer dependurado numa cruz” (na visão de Raul, Tancredo teria sido o mártir que sacrificou a vida pela volta da democracia).

Ao final, Raul canta: “Eu não sou besta para tirar onda de herói/ Sou vacinado, eu sou cowboy/ Cowboy fora da lei/ Do Durango Kid só existe no gibi/ E quem quiser que fique aqui/ E entrar pra história é com vocês”.

NIRTON VENANCIO

INSUMOS

Não foi o deus do alto da matriz
quem deu asas a minha imaginação

nem foi o padre Bomfim
(com sua mão branca de pelos escuros
que me obrigavam a beijar
quando ele apontava no começo da rua)

muito menos o padre Irismar
(com seu rosto largo de pele vermelha
que me abrigava o olhar
quando desapontava no fim da rua)

não foram eles
a quem nunca deixei meus pecados
atravessarem as treliças do confessionário.

Pecados: pecados: pecados:

os seios
das tias de perto
que o menino via

refletidos no espelho do provador
as coxas
das cutruvias de longe
que o menino ouvia
espelhadas no reflexo dos homens
e mentia que a culpa-minha-máxima-
culpa
era ter fabulado para a avó
e isso não se faz
seja a última vez
e tomem intermináveis
três pais-nossos deles
três ave-marias minhas
:
ato de contrição cabisbaixo
genuflexo
postulado
em frente aos gessos santificados
e seus olhinhos punitivos.

Não, não foram eles
seres comuns de batinas pretas

atravessadores de minha fé
não foram
foram as mãos dadas com Drummond
as curiosidades do Capivarol
foram as fitas do cine Poty
as canções da radiadora
a Hora do Brasil nas válvulas do ABC
foram as notícias do tio da capital
as conversas na calçada alta
os trancosos da prima gorda
foi o olhar sem fim de tanto imaginar
que me deu asas
sobre os telhados
os algodões
as carnaúbas
e me fez ver o mar.

PRETÉRITOS

Minh'avó caminhava pela grande casa.
Minh'avó muito pequena, até um dia desses,
caminhava pela grande casa.

Continuava com seus passos
seu cansaço
seus laços.

Minh'avó alterou a lei da física:
carregava no seu espinhaço tão frágil
décadas décadas décadas
datas datas datas
dias dias dias
carregava festas
aniversários
e algumas compras
carregava guerras
revoluções
e algumas brigas.

Teimosa, não se dava conta de toda essa carga
e olhava pela janela
o automóvel na rua

a moça na calçada
e ninguém mais em direção à igreja.

Do lado fronteiroço do pai
meu avô João
com um canivete esculpia palitos para os dentes
com lascas do cercado trazidas do curral
onde o boi mugia no final da tarde
a tarde que intendia o alpendre
o alpendre que estendia meu olhar
o meu olhar que entendia meu avô
e os fiapos de madeira pelo chão
e as réstias da tarde pelo vão
e os palitos no colo do avô João.
Entre o velho e o menino:
os palitos,
a tarde
e o coração.